

EDIÇÃO HISTÓRICA

PLACAR

Nº 1078 DEZEMBRO DE 1992 Cr\$ 40 000,00



POSTER
DO SÃO PAULO, O MELHOR
TIME DO PLANETA

Fotos inéditas
do carnaval
tricolor
em Tóquio

As fichas de
todos
os heróis

Minuto a minuto,
a vitória
sobre o Barcelona

A história
do clube
contada por
seus ídolos

CAMPEÃO DO MUNDO

ATORIA
BRIL

 **Editora Abril**

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci,
Edvard Ghirelli Filho, Ricardo A. Setti,
Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor Gerente: Alberto Pecegheiro

REDAÇÃO

Diretor Editorial: Juca Kfour

Diretor de Arte: Carlos Grassetti

Redator-Chefe: Sérgio F. Martins

Editor: Celso Unzelte

Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres

Repórteres: Paulo Coelho e Manoel Coelho (colaborador)

Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)

Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de Lima (colaboradores)

Assistentes de Produção: Sebastião Silva, Wander Roberto de Oliveira e Sidnei Augusto da Silva (colaborador)

APOIO EDITORIAL

Abril Press - Gerente: Judith Baroni

Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)

Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)

Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)

Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo

Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli

Autorização Editorial - Gerente: Cicero Brandão

PUBLICIDADE

Diretor: Meyer Alberto Cohen

Gerentes: Dario Castilho Azevedo, Moacyr Guimarães, Nilo Galdeano Bastos, Olavo Ferreira, Roberto Nascimento (SP)

Gerente de Promoção: Jacira Fernandes de Barros

Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Alberto Vieira Martins (coordenador)

Representantes: Adriana Sandoval, Ana Marta Manfio Gozzi, Arnaldo Dratwa, Eliane Pinto S. da Silva, João Marcos Ali, Luiz Marcos Perazza, Luiza Helena Pantalea, Marcia Regina da Silva, Renato Bertoni, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)

Diretora de Marketing Publicitário: Maria Angela de Souza Infanti

Escritórios Regionais: Lílca Mazer (Gerente Nacional); Silvio Provazzi (Gerente Nordeste e Sudeste)

Ana Lúcia Figueira (Porto Alegre), José Laranjeira (Salvador), Mauro Marchi (Blumenau), Plínio M. Rabello Júnior (Curitiba), Reginaldo G. Andrade (Fortaleza), Rogério Ponce de Leon (Brasília), Silvana Grisi (Campinas), Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte)

Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermedia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Paper Comunicações (AM); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

MARKETING

Diretor: Carlos Herculano Ávila

Gerente de Produto: Mônica Panelli

Assistente: Tereza Itália Di Giorgio

ASSINATURAS

Diretor de Operações: Nelson Romanini Filho

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Diretor Escritório Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

Diretor Responsável: Juca Kfour

 **Grupo Abril**

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira,
Luiz Fernando Furquim, Plácido Loriggio,
Raymond Cohen, Roger Karman,
Thomaz Souto Corrêa





RICARDO CORRÊA

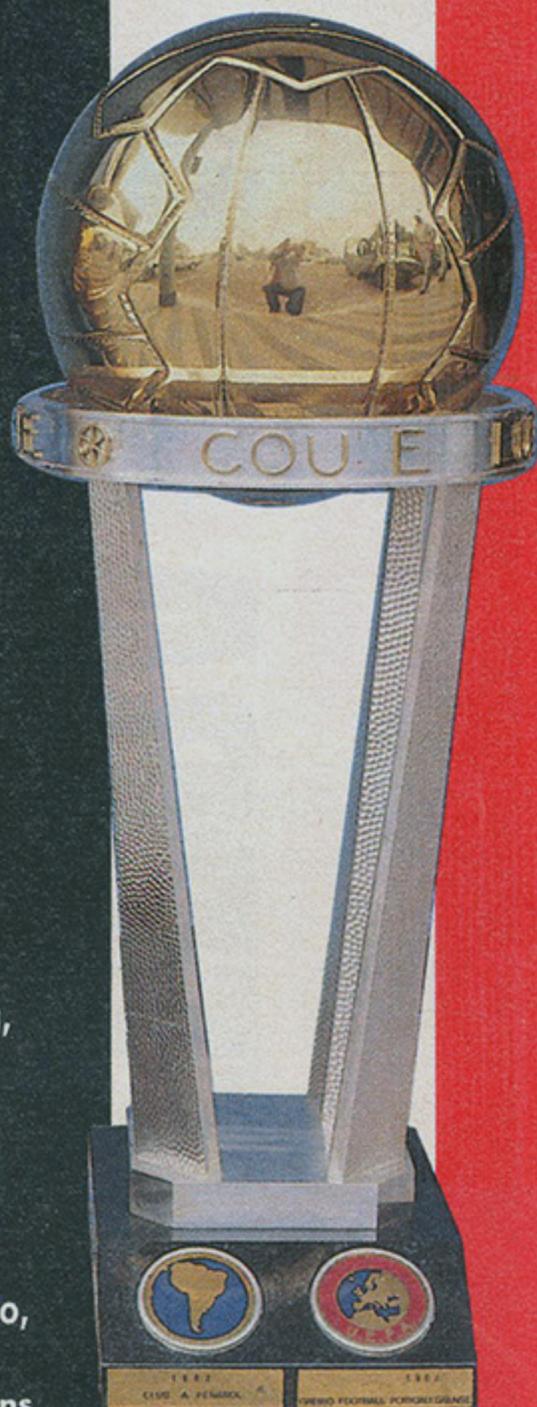
PLACAR

O futebol brasileiro vive. E continua forte, belo e, como sempre, entre os melhores do planeta. Foi o que o São Paulo mostrou contra o Barça. Que basta um mínimo de organização fora de campo e não renegar, dentro das quatro linhas, sua histórica vocação ofensiva, para que as vitórias aconteçam. Clube mais organizado do país e comandado do banco por um técnico que luta há décadas por gols e grandes espetáculos, o tricolor é um legítimo campeão do mundo. Foi feita justiça ao treinador Telê Santana. Foi feita justiça ao São Paulo e a Toninho Cerezo, que, dez anos depois da tragédia de Sarriá, deu sua volta por cima. Foi feita justiça ainda a Raí, que trocou as tilintantes pesetas do Albacete pela glória — que nenhum dinheiro pode pagar — de escrever seu nome na história do futebol. Ele jamais será esquecido, como não o serão Müller, Palhinha, Zetti, Cafu, Válber — enfim, todos os jogadores que estiveram lá, que fizeram as bandeiras do São Paulo e do Brasil brilhar mais uma vez na tarde fria de Tóquio. Viva o tricolor, campeão do mundo! Viva o São Paulo, maior time da Terra!

Sérgio f. Martins

JUSTIÇA É FEITA EM TÓQUIO

Se alguém merecia o mundo era o São Paulo



4

UM SHOW À BRASILEIRA

O jogo minuto a minuto e a festa dos campeões

8

DIÁRIO DA VITÓRIA

Os dias vividos no Japão antes da grande final

12

HISTÓRIAS DA HISTÓRIA

Eternos ídolos contam o que foi e é o São Paulo

20

550 DIAS PARA A GLÓRIA

A trajetória de melhor do Brasil a dono do mundo

26

O QUEM-É-QUEM DA CONQUISTA

Fichas completas dos heróis inesquecíveis

30

GALERIA DE TROFÉUS

Todos os títulos conquistados pelo tricolor

SÃO PAULO A TERRA TEM NOVO DOMO

RICARDO CORRÊA





Palhinha, taça nas mãos,
dá a volta olímpica ao lado
de Zetti: justo carnaval
tricolor em Tóquio

O São Paulo
é o novo dono
do mundo.
O poderoso
Barcelona de
Koeman, Laudrup,
Stoichkov e Cruyff
não resistiu à
Máquina Mortífera
de Rai, Cerezo,
Müller e Telê
Santana e caiu
por 2 x 1. Quando
o juiz apitou
o fim da partida,
um carnaval
legitimamente
brasileiro
explodiu em
Tóquio ao
mesmo tempo
em que na
Av. Paulista
os torcedores
extravasavam
a alegria e
o orgulho do
Morumbi ser
desde a
madrugada de
domingo, 13,
a novíssima
capital mundial
do futebol.

Tóquio jamais havia conhecido festa semelhante. Bastou o juiz argentino Juan Carlos Loustau apanhar a bola dos pés de Cafu e decretar o final do jogo para dezenas de torcedores brasileiros e japoneses, de rostos pintados de preto, vermelho e branco, invadirem o gramado. Pela primeira vez era quebrado o sistema de segurança do Estádio Nacional, e o campo se tornou palco de um carnaval inesquecível. A partir do apito final, Raí, Müller, Cafu, Toninho Cerezo e Cia. deixavam definitivamente de serem meros mortais. Passaram à categoria de deuses da bola e, para sempre, páginas da história não só do clube como do futebol brasileiro e do mundo.

Não importou sequer o susto oferecido aos tricolores pelo gol de abertura, marcado por Stoichkov aos 12 minutos do primeiro tempo, acabando de vez com uma longa fase de estudo entre as duas equipes. Talvez tenha sido esse o grande erro do time comandado pelo holandês Johan Cruyff. Afinal, em desvantagem no marcador os tricolores tiveram seus brios despertados, partindo para o ataque como feras em busca de seu alimento predileto: o gol.

Primeiro com Raí, aos 17 minutos, que enfiou uma bola entre as pernas do meia Bakero e cruzou na medida. Palhinha, porém, desperdiçou a chance.



Raí e Ronaldo: abraço de campeões do mundo

FRANCE PRESS

Depois, foi a vez de um cruzamento traiçoeiro de Ronaldo Luís, pegando de surpresa o goleiro Zubizarreta, obrigando-o a acrobacias para evitar o empate. E, por fim, nos dribles venenosos de Müller, que deixaram o zagueiro espanhol Ferrer tonto antes do passe para Raí completar, meio de peito, meio de barriga, e empatar a partida.

Enquanto o Barcelona procurava atrair o São Paulo com seu toque de bola diabólico, o tricolor contragolpeava sempre perigosamente com Müller, pela esquerda, aproveitando os lançamentos de Cerezo. Numa dessas jogadas, o atacante são-paulino entrou por trás da defesa e encobriu Zubizarreta. O gol só não saiu graças ao corte de Ferrer, já em cima da linha. Era uma partida de dois grandes times. Técnicos, conscientes, implacáveis no aproveitamento das chances.

Mas o São Paulo, além de todas essas qualidades, levou para dentro do campo onze guerreiros. Toninho Cerezo e Ronaldo entraram na partida sentindo contusões antigas e Palhinha passara a véspera do jogo com 38 graus de febre. Foram três gigantes. Assim como foi Raí, o ganhador do automóvel Toyota oferecido pela organização do Mundial ao melhor jogador da partida. Afinal, ele foi também o autor do segundo gol, cobrando uma falta milimetricamente no ângulo de Zubizarreta, aos 34 minutos do segundo tempo. Nem depois disso o tricolor teve descanso. Enquanto a bola rolou o baile continuou. Aos 39, Cafu levou toda a defesa do Barcelona, deu um drible da vaca em Eusébio e cruzou para Müller, mas o atacante passou 1 segundo depois da bola. Era apenas mais uma grande oportunidade de gol que o time são-paulino perdia. Antes, aos 20, o mesmo Cafu chutara sobre o goleiro e, aos 22, Zubizarreta defendia com o pé um chute à queima-roupa de Müller.

Por isso, já aos 42 minutos do segundo



Raí, o nome do jogo, acerta um voleio sob o olhar do libero Koeman

AP

A FICHA DA FINAL

13/dezembro/92

SÃO PAULO 2 X BARCELONA 1

Local: Estádio Nacional (Tóquio); Juiz: Juan Carlos Loustau (Argentina); Gols: Stoichkov 12, Raí 27 do 1º; Raí 34 do 2º; Cartão amarelo: Ronaldo, Toninho Cerezo, Beguiristain e Goicoechea

SÃO PAULO: Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho) e Raí; Cafu, Müller e Palhinha. Técnico: Telê Santana

BARCELONA: Zubizarreta, Koeman, Ferrer e Eusébio; Amor, Bakero (Goicoechea), Guardiola e Witschge; Michael Laudrup, Stoichkov e Beguiristain (Nadal). Técnico: Johan Cruyff



RICARDO CORRÊA

Raí comemora com Vitor e Cerezo o segundo gol: falta cobrada milimetricamente no ângulo de Zubizarreta

tempo a festa tomou conta das arquibancadas, que cantavam em uníssono o tradicional "tá chegando a hora". Com o apito final, as comemorações continuaram nos vestiários. Primeiro com os elogios de Zetti ao exuberante Ronaldo, um dos melhores da partida e que talvez não tenha sido premiado com o automóvel Toyota somente por ser jogador de defesa. "Parabéns, cara! Não foi uma bola no gol", agradecia o goleiro campeão. Depois com as gozações de Toninho Cerezo, que mandava os espanhóis voltarem a pé para Barcelona. Afinal, o carro era de Raí. Tudo registrado pelas câmeras e enviado para 106 países de todo o mundo, que só não puderam ver, no vestiário, a maior prova de devoção já assistida de um jogador ao pavilhão tricolor. Sem camisa e jogando água nos companheiros, o herói da partida Raí entoava, com a voz do fundo da alma, um coro que, àquela altura, era cantado em todas as ruas do país: "Eu sou São Paulo, de coração. Eu sou do clube que é sempre campeão". Agora, mais do que nunca, o mundo inteiro sabe disso.

Por CELSO UNZELTE, de Tóquio

TODO PODER AO TRICOLOR

O mundo não é agora tricolor por acaso. Faz tempo, muito tempo, que o Morumbi abriga as melhores cabeças do nosso futebol. Antes mesmo de nascer como estádio, já estava escrito que ali seria a sede de um clube fadado a se distinguir dos demais. Mesmo que para tanto fossem necessários alguns sacrifícios e privações. A década de 60, por exemplo, foi o momento de pagar pela ousadia, tanto que ficou marcada como a única em que o São Paulo passou em branco. Já os anos 70 e 80 serviram como base para tomar conta do futebol paulista e brasileiro, antecipando que os 90 reservariam alegrias ainda maiores. Primeiro, a América, depois, o mundo, pois cada coisa tem seu lugar e sua hora.

A histórica conquista tricolor, daquelas que já bastam para justificar a existência de um clube, não deve ficar por aí. O São Paulo pode mais. Pode tudo. Por isso tem as melhores cabeças,

a torcida que mais cresce, o técnico dos técnicos e os craques certos nos lugares certos. O São Paulo tem raízes.

Falta apenas, apesar de não ser esta a hora de cobranças, transformar em hegemonia política a supremacia em técnica, inteligência e patrimônio.

Os são-paulinos não podem achar que tantas alegrias só têm sido possíveis porque a direção do clube evita atritos com as falidas instituições superiores do futebol brasileiro. Não. Ao contrário, o São Paulo FC tem de fazer valer seu exemplo, seu profissionalismo, sua capacidade de afirmação, sua competência para curvar o mundo apesar de todos os problemas que o país enfrenta. Os tricolores precisam tomar o poder em nosso futebol.

Porque o São Paulo ficou maior que o Brasil. Ficou do tamanho do mundo. Um mundo vermelho, branco e preto.

Juca Kfourri

O SACRIFÍCIO E A GLÓRIA

Derrotando a diferença de horário e o cansaço, driblando a alimentação exótica e as noites de insônia em Tóquio, os tricolores escreveram um diário de heroísmo até a vitória final

Por CELSO UNZELTE e RICARDO CORRÊA, enviados especiais a Tóquio

Fuso horário, alimentação, noites em claro, cansaço, horas e horas dentro de ônibus para conseguir fazer um simples treino em Tóquio. A vida do São Paulo não foi fácil na semana que antecedeu a partida contra o Barcelona. Os jogadores, porém, haviam firmado um acordo: dar o máximo para vencer os últimos obstáculos que os separavam da conquista inédita. Esse pacto começou a ser tecido muito tempo antes, ainda no Brasil, e ganhou forma final durante as 26 horas de voo para o Japão. "O próprio grupo vem há tempos orga-

nizando reuniões em que discutimos a necessidade de um esforço final", confessava o lateral-esquerdo Ronaldo Luís. "Isso acontece por iniciativa nossa, e desses encontros só nós, os jogadores, participamos."

VALEU ATÉ FEIJÃO CONTRABANDEADO

Resumindo o espírito dos companheiros, o capitão Raí não se cansava de repetir uma frase curta, mas cheia de grandes significados. "A hora é de dar duro", dizia ao desembarcar no aeroporto Internacional de Narita,

exatamente às 13h24 do dia 9 de dezembro, uma segunda-feira nublada em Tóquio. Essa era uma espécie de senha para mais uma vitória tricolor: trabalho, trabalho, trabalho. Por isso nenhum jogador reclamou quando, menos de quatro horas depois da exaustiva viagem, o preparador físico Moracy Sant'Anna convocou todo mundo para uma corrida em torno de uma praça nas imediações do Hotel Tokyo Prince, onde o time ficou hospedado. "É até bom, porque assim ninguém dorme", encarava com bom humor o goleiro Zetti. A ordem era esquecer tudo e cada um dedicar-se

inteiramente apenas na preparação para a decisão do título mundial. "Este será o jogo mais importante da história do clube", resumia o técnico Telê Santana. Isso estava claro nos menores detalhes, todos previstos no meticuloso plano de vitória traçado pela comissão técnica. Até a contratação em Tóquio de uma cozinheira brasileira, Francisca Rodrigues, fazia parte da estratégia. Ela era a encarregada de cuidar para que os estômagos dos craques tricolores não estranhassem a exótica comida oriental. O material que dona Francisca contava para sua tarefa estava em caixas e mais



FOTOS RICARDO CORRÊA

O capitão Raí dá autógrafos no voo para Tóquio: "A hora é de dar o máximo"



A delegação desembarca no Aeroporto de Narita: carinho dos japoneses e a determinação inabalável de não medir esforços

caixas de carne, lingüiça, feijão e legumes introduzidos clandestinamente no Japão em meio às dezenas de malas e sacos de material esportivo. Para ser campeão do mundo, valia desde cometer esses pequenos deslizamentos a não medir qualquer sacrifício.

A própria programação tricolor, afixada em um quadro do comitê organizador da Copa Toyota, previa isso: treinos diários no campo da Tokyo Gas (time da companhia japonesa de gás), em Okahama, distante 40 km do hotel, e reconhecimento do gramado do Estádio Nacional no sábado, véspera da decisão. "Só daremos um dia de folga, para o pessoal passear", avisava o sempre exigente técnico Telê Santana. O mesmo Telê que, no embarque para Tóquio, no Aeroporto de Cumbica, se irritara com repórteres mais preocupados em arrancar dele declara-

ções sobre a goleada de 4 x 2 em cima do Palmeiras horas antes, na primeira partida decisiva do Campeonato Paulista. "Isso já é coisa do passado. Agora queremos saber apenas do Barcelona", dizia carrancudo.

TELÊ ALERTA: É UMA CHANCE ÚNICA

A ordem era ter coração e mente dirigidos para a partida do dia 13. Por isso, ao notar o grupo descontraído demais durante os últimos dias em Tóquio, Telê chamou a atenção de todos. "Não estou me lembrando de jogadores que tiveram duas oportunidades como essa que vocês estão tendo", o técnico abriu sua longa preleção antes do treino da manhã de quarta-feira. "Não foi fácil chegar até aqui. Vocês tiveram de ganhar o Campeonato Brasileiro

e depois a Libertadores. Prestem atenção", continuou.

Assediados e reverenciados pelos torcedores locais, os craques brasileiros pareciam em alguns momentos baixar a guarda. Válber e Raí iam do campo de treinamento ao ônibus fazendo passes sem deixar a bola cair no chão, sempre seguidos de perto por grupos de jovens japoneses entusiasmados. "Risquem aqueles 4 x 1 que vocês aplicaram no Barcelona, em agosto, porque a coisa agora é para valer", alertava Zico ao visitar os tricolores no hotel. Campeão mundial interclubes pelo Flamengo, em 1981, o Galinho completava: "Os europeus já levaram muitas pancadas. Hoje, estão dando tanta importância à Copa Toyota quanto os brasileiros".

O pior de tudo foi a adaptação ao fuso. Nos primeiros dias, todo mundo acordava no meio da noite. Raí e

Válber foram os últimos a entrar no horário japonês de onze horas de diferença. Somente na noite de quarta-feira todos conseguiram dormir. Enquanto isso, o Barcelona chegava a menos de 72 horas do jogo, já na tarde de quinta-feira. "Eles se arriscaram demais. Este tempo é insuficiente para pôr a cabeça no lugar", avaliava Moracy Sant'Anna. Ele estava certo: a vitória são-paulina mostrou isso.

CRUYJFF CHEGA: FOGO EM TÓQUIO

Mas a chegada dos espanhóis a Tóquio trouxe uma vantagem para o Tricolor, pois acirrou o clima de decisão e os jogadores brasileiros se ligaram definitivamente na partida. Os espanhóis não só se recusaram a ficar no mesmo hotel do São Paulo como participaram de uma entrevista coletiva com ares de vencedores. "Nenhum jogador do time brasileiro merece atenção espe-



Conselho de Zico para Adílson: "Esqueçam a vitória sobre o Barcelona em agosto"

A hora é outra.

Enquanto os japoneses descansam, os brasileiros fabricam relógios iguais aos deles.





Depois de voarem 26 horas, os jogadores já treinavam duro

cial”, disparou Cruyff, técnico do Barça. Palhinha sentiu a provocação: “Deixa ele. No Estádio Nacional, a gente vai mostrar que quem fala demais sempre acaba entrando bem”.

SÃO PAULO: UM TIME JAPONÊS

O mineiro Palhinha também estava certo: a vitória sobre o Barcelona comprovou que o Tricolor é o melhor time do planeta. Coisa, aliás, que os torcedores japoneses pareciam adivinhar desde a chegada dos brasileiros a Tóquio, quando claramente elegeram o São Paulo para torcer. Não foi desta vez ainda que os europeus conseguiram diminuir a vantagem sul-americana nos mundiais interclubes: agora são dezoito vitórias da América do Sul contra apenas treze do Velho Mundo. Trabalho, sacrifício pessoal, profissionalismo, união e talento — não há como perder com esses ingredientes. O São Paulo provou.

O relógio é o mesmo.

Com a mesma garantia e assistência técnica. Orient. Tecnologia 24 horas por dia. Aqui e no Japão.




ORIENT

Histórias de quem fez a história

Desde a fundação, em 1935, oito das maiores lendas tricolores contam como e por que o São Paulo tornou-se o maior do mundo

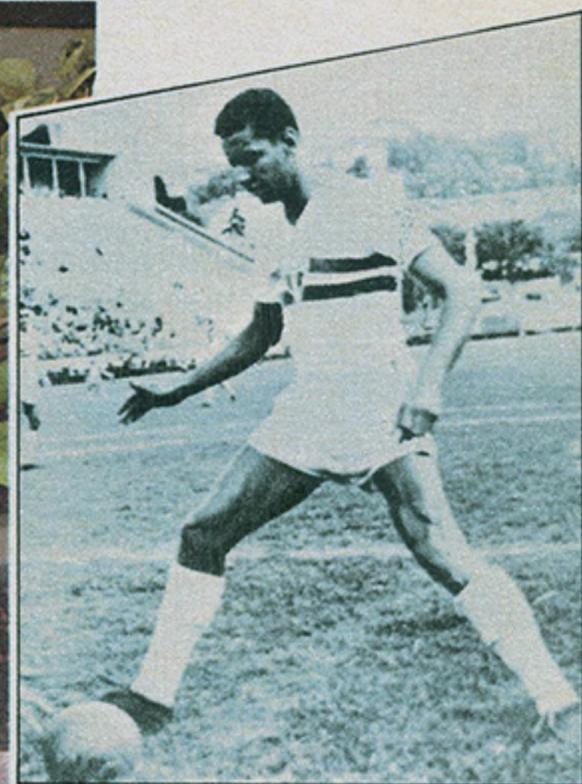
A história de um clube de futebol, mais do que com conquistas, constrói-se com homens. São eles que superam os obstáculos e abrem, com chuteiras e coração, o caminho das glórias. O caso do São Paulo jamais foi diferente. Por isso, oito dessas lendas (Bauer, Poy, Roberto Dias, Gérson, Chicão, Oscar, Müller e Raí) reconstituem a história do campeão mundial, expondo, com suas vozes, a pura alma tricolor.

1940 OS PRIMEIROS ANOS DE GRANDES FEITOS

Nos dourados anos 40 surgiram as primeiras glórias. Bauer, que formou com Rui e Noronha uma linha média legendária, lembra:

“Quando entrei no time principal do São Paulo, no início dos anos 40, a equipe já estava formada. E não era um time qualquer, não. Possuía verdadeiros senhores, que só admitiam entrar em campo com um pensamento: ganhar. Acredite, não foram tempos fáceis. Treinávamos no pequeno campo da Rua da Mooca, arrendado à

RICARDO CORRÊA



ABRIL

BAUER

“Eu jogava em todas as categorias: juvenis, aspirantes e profissionais. Se fosse preciso, até morreria pelo São Paulo”

José Carlos Bauer, 67 anos (21/11/1925), foi zagueiro do São Paulo de 44 a 55. Hoje é técnico de escolinhas

Companhia Antarctica, que logo requereu o terreno. Passamos então a correr atrás de outro lugar. Às vezes treinávamos no Ibirapuera. Outras, no bairro do Canindé, onde hoje está o CMTC Clube. Mas, na hora de jogar, não tínhamos onde mandar as partidas.

Não que isso fosse um problema para aquele time. Nos meus tempos de juvenil, em 1942, fomos campeões invictos, jogando sempre no campo do adversário. Com a inauguração do Pacaembu, o time principal passou a jogar lá. Os rivais, porém, ainda não nos respeitavam como deviam. Em 1943, eu era ainda juvenil e ouvia brincadeiras dizendo que o título seria decidido como em um cara-ou-coroa. De um lado, o campeão seria o Palmeiras. De outro, o Corinthians. Pois pela primeira vez deu São Paulo, que, além de todos os seus craques, já tinha Leônidas, contratado um ano antes ao Flamengo.

A receita da conquista, porém, era outra. Os jogadores se identificavam com o clube. Eu, por exemplo, quando fui para o time de cima, cheguei a jogar nos amadores, aspirantes e profissionais. Entrava em campo até machucado e adoentado. Se preciso, eu morria pelo São Paulo. Assim, fomos bicampeões em 1945 e 1946, e só perdemos o tri em 1947 porque sentimos a falta de Sastre e Luizinho, que abandonaram a carreira. Ganhamos outro bi em 1948 e 1949 e só perdemos o tri outra vez porque fomos roubados. Ganhávamos por 1 x 0, quando, após um cruzamento da direita, Turcão, do Palmeiras, tentou dominar e rebateu nos pés de Teixeira, que fuzilou. O juiz anulou dando impedimento. Até hoje o Turcão dá risada disso. E só por isso, até hoje, ainda lutamos por um tri."



RICARDO CORRÊA



ABRIL

1950 UMA DÉCADA PARA NINGUÉM ESQUECER

É na década de 50, anos de conquistas esparsas porém inesquecíveis, que vem da Argentina um goleiro para marcar época com a camisa do tricolor: José Poy.

"Cheguei ao São Paulo em 1948, e encontrei um esquadrão que *Dios me libre y guarde*: campeão naquele ano, foi bi em 49, com Leônidas, Remo, Teixeira e Mário, o goleiro titular. Depois de um período de testes, parece que agradei, e acabei ficando. Foram mais de 600 partidas pelo clube, recorde só batido pelo Waldir Peres, anos depois.

Logo percebi que o São Paulo era um clube diferente. Quando fui fazer meu

primeiro contrato, não sabia quanto pedir. Os jogadores de destaque, como Leônidas, ganhavam 5 900 cruzeiros. Disse então ao técnico Feola que pediria quatro mil. 'É pouco', ele reclamou. 'Você vai ganhar 5 800.' Pensei até que fosse brincadeira. Na Argentina, quando você pedia quatro, lhe ofereciam dois! Foi nesse tempo que fiquei apaixonado pelo São Paulo, pois passei a admirar a honestidade do clube com seus atletas.

Como jogador profissional, ganhei três títulos para o clube, em 1949, 1953 e 1957. Como treinador, em 1975, fui de novo campeão, com a maior campanha da história do São Paulo: 35 jogos, 26 vitórias. Mas meu primeiro título foi o de 1949, revezando-me no gol com o Mário. Uma conquista fácil, em que o São Paulo era bem superior aos ou-

POY
"Era um esquadrão que *Dios me libre y guarde!* E logo percebi que o clube era diferente. No mesmo momento fiquei apaixonado"

José Poy, 66 anos (16/4/1926), nasceu em Rosário (Argentina) e foi goleiro tricolor de 48 a 63. Atualmente é treinador

tros. O título de 53 veio também com folga, mas em 57 foi mais difícil. Só ganhamos na última partida, contra o Corinthians.

O São Paulo havia se classificado para a Fase Final na penúltima vaga. E, mesmo no turno decisivo, chegamos a perder da Portuguesa por 4 x 0, quatro gols de um atacante gaúcho chamado Alfeu. Mas esta foi nossa única derrota até o final: Zizinho, o maior jogador brasileiro de todos os tempos depois de Pelé, o Mestre Ziza,

como o chamávamos, chegou para dar experiência e categoria ao time.

O Corinthians, adversário na final, concentrou-se junto com a gente, no próprio Pacaembu. Estávamos ganhando de 2 x 0, o Corinthians descontou mas fizemos 3 x 1. Foi uma chuva de garrafas tremenda para dentro do campo. Depois de 58, Mauro e Dino Sani saíram. Começaram, então, os tempos ruins."

1960

DA AGONIA NASCE A ALEGRIA SUPREMA

Por doze anos, o São Paulo não ganharia mais nenhum título. Dizia-se até, em tom de brincadeira, que, para ser campeão no tricolor, qualquer técnico precisaria apenas de "dez dias". Dez outros jogadores como Roberto Dias, volante e zagueiro que personificou aqueles difíceis anos 60, que relembra:

"Eram tempos em que um tijolo era mais importante que um título. Não se pode falar que o São Paulo não contratava grandes jogadores — afinal, joguei ao lado de Bellini, Mauro e outros. Mas o clube estava mesmo era voltado para a construção do Morumbi.

A própria torcida não cobrava muito, talvez porque soubesse que existia o Santos de Pelé. Apesar disso, o time fazia boas campanhas. Ganhamos o Troféu Colombino, na Espanha, e viajavamos muito. Havia o Santos e o Palmeiras, dominando juntos todos os anos 60. Sempre complicávamos a vida deles, mas, no finalzinho, a gente sempre caía.

Até que veio 1967. Era o último jogo, contra o Corinthians. Se a gente ganhasse,



DIAS

"Montamos um time que não devia nada para ninguém e fomos campeões em Campinas. Chorei como uma criança durante o caminho de volta"

Roberto Dias Branco, 49 anos (7/1/1943), foi zagueiro tricolor de 60 a 73. Hoje é professor das escolas do São Paulo

era campeão. Um a zero para o São Paulo, e, no último minuto, sofremos o gol de empate. Aí jogamos na quarta-feira, com o Santos, decidindo o título. Jogamos bem, otimamente bem, e eu marcando o Pelé. Perdemos de 2 x 1, mas até hoje acho que jogamos fora aquele



campeonato no jogo anterior, com o Corinthians. Lembro-me do pessoal chorando no ônibus, dos jogadores abatidos. Seria uma conquista muito importante para nós.

Eu, por exemplo, nasci no Canindé, onde ficava o antigo campo do São Paulo. Lembrava-me, ainda garoto, do campeonato de 1957, de Maurinho, de Canhotei-

ro, maior jogador que vi jogar, um mágico com a bola nos pés. Era são-paulino desde garotinho, e ainda hoje sou São Paulo mesmo em jogos de várzea, quando vejo um time com a camisa parecida com a do tricolor.

Por outro lado, foi um orgulho ver o crescimento desse clube. Logo em nossos primeiros treinos no

Morumbi, só havia o campo e uma casinha pequenininha, atrás de onde é hoje a parte social, em que a gente se trocava. Dá muita saudade.

Até que montamos um time capaz de, ainda hoje, enfrentar qualquer um de igual para igual: Sérgio, Forlan, Jurandir, eu e Gilberto; Édson e Gérson; Paulo, Terto, Toninho e Paraná. Fomos campeões em Campinas, derrotando o Guarani.

Para mim, que joguei 27 vezes na Seleção, fui convocado para a Copa de 1966, na Inglaterra, e marquei até gols nas Olimpíadas de 1960, em Roma, aquele momento foi o máximo. Nada valeu mais que aquela taça, que eu e o São Paulo perseguíamos juntos há doze anos. Chorei como uma criança o caminho inteiro de volta para São Paulo.”

1970

TUDO PRONTO PARA UMA ERA DE OURO

Estava tudo pronto para os novos tempos. Com o Morumbi concluído, era a hora de mais um período de conquistas à base de craques. Gérson, o Canhotinha de Ouro, herói da Copa de 70, era um deles.

“Fui contratado em 1969 e, portanto, nas eliminatórias para a Copa de 70, no México, eu já era do São Paulo. Havia reformulado o time por atacado, e junto comigo vieram Toninho Guerreiro, centroavante do Santos; Édson Cegonha, meio-campo do Corinthians; e Forlan, do Uruguai. Foram promovidos também dois juvenis, o ponta Paulo e o lateral Gilberto. Com esse time, ganhamos o primeiro campeo-



SEBASTIÃO MARINHO

CRISTINA BOCAIUVA

GÉRSO

“Naqueles tempos, já trabalhavam no Morumbi os melhores profissionais, do presidente ao ponta-esquerda. Só podia dar no título mundial”

Gérson Oliveira Nunes, 51 anos (11/1/1941), foi craque são-paulino de 70 a 72. Atualmente é comentarista esportivo

nato do bi, em 1970. Em 1971, viria mais um título, já com Pedro Rocha jogando a meu lado.

Cheguei a São Paulo dizendo que não existe salvador da pátria, a não ser Pelé ou Garrincha. E eu, com 27 para 28 anos, vinha desacreditado. Por isso, tinha que provar meu valor a cada jogo. Não a mim mesmo, que sabia do que ainda poderia render, mas aos outros.

Minha missão, naquele tempo, foi mais a de organizar o jogo. Tive muita sorte, é verdade, porque peguei

uma turma boa. Desde a época em que o Zizinho passou por lá, o São Paulo já tinha uma boa estrutura. Mas faltavam apenas pequenos detalhes, parar para pensar, para que o time, em campo, voltasse aos bons tempos.

No jogo que valeu o título e a quebra do jejum de doze anos, eu estava machucado. Mesmo assim, aquele grupo era tão unido que assisti à partida junto com meus companheiros, do banco de reservas. Enquanto o Corinthians empatava o seu jogo na capital, vencíamos o Guarani em Campinas e, assim, faltando uma rodada para o término do campeonato, abrimos uma inalcançável vantagem de três pontos sobre nosso mais direto perseguidor e faturamos aquele título tão importante.

Minha passagem pelo tricolor representou muito. Essa torcida do São Paulo, por exemplo, não é brincadeira! Sempre apoiou, prestigiou, é incapaz de cometer uma indelicadeza contra

seus ídolos. E organização o São Paulo tem de sobra, sempre teve. Lá estão os melhores profissionais, do presidente do clube ao ponta-esquerda. Só podia mesmo dar no que deu: o título mundial."

1975 A UM PASSO DA CONQUISTA DO BRASIL

Mas nem só de técnica refinada viveu o São Paulo dos anos 70. No coração da torcida também havia lugar para Chicão, um volante que fazia da raça e determinação as armas do aguerrido time tricolor campeão paulista de 1975 e brasileiro de 1977. É dele o depoimento abaixo:

"No intervalo de uma

partida no Pacaembu, entre Portuguesa e Ponte Preta, time em que eu jogava, o presidente da Ponte, Sérgio Abdala, me chamou de lado e disse: 'Acabei de vender você para o São Paulo'. Não poderia haver notícia melhor.

Entrei no time titular já no Campeonato Brasileiro de 1973 e, em menos de um ano de São Paulo, já tinha disputado duas decisões. Chegamos à final do Nacional contra o Palmeiras, mas o empate deu o título a eles. Chegamos também a uma final de Libertadores contra o Independiente, da Argentina, em uma melhor-de-três. Ganhamos de 2 x 1 aqui, perdemos de 2 x 0 na Argentina. E também no jogo-desempate, no Chile, com um gol de pênalti do lateral Pavoni. Só não disputamos mais decisões que o time de hoje.

Mas o primeiro título, paulista, só foi conquistado, mesmo, em 1975. Pedro Rocha, um gênio, considerado o quinto maior jogador do mundo na Copa de 66, era o líder daquela equipe. Quando a bola chegava a ele, já

estava a caminho de um outro companheiro. E eu peguei justamente a transição do time que tinha Dias, Paraná e Jurandir, bicampeão em 1970 e 71, para aquele de 1975, com Mauro, Serginho e Murici.

Minha maneira de jogar, me impondo quando era preciso, dando até carrinhos, fez com que logo me identificasse com a camisa do São Paulo. Quando ganhamos o primeiro Campeonato Brasileiro da história do clube, contra o Atlético, no Mineirão, me chamaram até de *Obdulio Tricolor*, comparando nossa conquista com a Copa do Mundo de 50, que o Uruguai ganhou graças à raça de Obdulio Varela, seu capitão. Treinado por Rubens Minelli, aquele nosso time era competitivo. Uma equipe não muito boa tecnicamente, mas fisicamente bem preparada, que chegou à final contra um Atlético favorito.

Naqueles 90 minutos que, com a prorrogação, acabaram virando 120, porém, o São Paulo foi sempre melhor. Vieram os pênaltis, escoreguei na hora de bater

CHICÃO

"O título me ensinou que não existe sorte. O que existe é competência. E o São Paulo de hoje é a maior prova disso"

Francisco Jesuino Avanzi, 43 anos (30/1/1949), foi volante do São Paulo nos anos 70. Hoje é comerciante em Piracicaba (SP)



SÃO PAULO CAMPEÃ



Em pé: Gilmar, Toninho Cerezo, Vitor, Palhinha, Ronaldo Luís, Macedo, Válber e Marcos Adriano; fila do meio: Cuca, Maurício, Müller, A

AS ^{Mais} QUERIDAS

O MUNDIAL DE 1992

PLACAR



dilson, Ronaldo, Lula e Carlos Alberto; sentados: Dinho, Suélio, Cafu, Elivélton, Rogério, Zetti, Marcos, Catê, Rai e Pintado

S.



Heliar.
Peça original
das montadoras.



Saturnia 12.
A única selada
que não morre
de sede.



Saturnia 6.
Seis meses
de garantia
e qualidade.





NICO ESTEVES

o meu e desperdicei a cobrança. 'Perdi o título', pensei, enquanto João Leite fazia a defesa. Mas eles foram piores que nós, chutando duas vezes fora. Saímos de lá campeões brasileiros de 1977, e daquele dia em diante deixei de acreditar em sorte. Prefiro atribuir o sucesso à competência. E o São Paulo, hoje campeão do mundo, é a maior prova disso."

1980 UMA MÁQUINA COM TODAS AS ENGRENAGENS

A competência era tanta que culminou com os tempos da Máquina, no início dos anos 80. Só faltava uma engrenagem, e ela veio do Cosmos, de Nova York, para reforçar a defesa. Chamava-se Oscar, que recôrdia:

"O São Paulo fazia com que nos sentíssemos em casa. Cheguei de Nova York, fui recebido com um calor humano incrível e tive uma primeira semana inesquecível jogando no tricolor. Vencemos o Palmeiras por 4

x 0 em um amistoso e repetimos o resultado contra o Corinthians no domingo seguinte. Melhor: valendo dois pontos pelo Paulistão.

O mais incrível é que não perdi nem em salário. O São Paulo me pagava tão bem quanto o Cosmos, que estava no centro financeiro do planeta. Era o segundo turno do Campeonato Paulista e precisávamos vencê-lo para disputar a final contra o Santos, que ganhara o primeiro. Ganhamos o turno, o campeonato e ali mesmo percebi o que diferenciava o clube: todos sabiam lidar com o erro. Nos momentos de derrota, ao contrário de outros times, os jogadores não fugiam da bola, porque a cobrança não era opressiva.

Por isso, em 1981, repetimos a dose. Perdemos o primeiro turno para a Ponte Preta, mas nos recuperamos no segundo. Resultado: fomos bicampeões.

Também, o time era fantástico! Tinha craques como

OSCAR

"Imagino o terror que era jogar contra o São Paulo. Nunca dependemos de um só jogador. Todos no elenco podiam decidir um jogo"

José Oscar Bernardi, 38 anos (20/6/1954), jogou no São Paulo de 1980 a 1987. Hoje é técnico profissional

Serginho, Renato, Mário Sérgio e Darío Pereyra. Quando estes saíram, entraram Careca e Pita. Todos os craques queriam jogar no São Paulo. Na concentração da Seleção Brasileira, em 1986, por exemplo, o pontesquerda Edivaldo veio conversar comigo para eu intermediar uma negociação com o clube. Conversei

com os diretores e eles se interessaram. Pouco depois, ele estava no Morumbi.

Quem chegava não queria sair. Afinal, logo percebia que o São Paulo é muito mais que um clube. O São Paulo é uma mãe! Para os jogadores, para os funcionários, para todos os que vivem ali dentro. E a torcida, então! Ah, que torcida! Cansei de perder jogos no Morumbi e, na saída do estádio, receber inúmeros pedidos de autógrafos. Isso até nos períodos de vacas magras. Se é que se pode chamar de vacas magras os dois anos em que fomos vice-campeões, perdendo para o Corinthians, em 1982 e 1983.

Meu último título paulista no clube veio em 1985, já com uma nova geração de jogadores, que tinha Müller, Silas e uma porção de gente boa revelada pelo técnico Cilinho. Fui capitão daquele time. Aliás, de todos em que joguei desde que



NELSON COELHO

cheguei ao Morumbi, em 1980. E imagino o terror que era jogar contra nós. Nunca dependemos de um só jogador. Todos ali decidiam jogos.”

1985

TEMPO DOS MENUDOS. E DE MUITAS VITÓRIAS

Enquanto nos outros clubes os craques escasseavam no meio dos anos 80, o tricolor encontrou sua solução. Com o técnico Cili-

inho, foi lançada uma geração de garotos talentosos que recebeu o apelido de *Menudos do Morumbi*. E, entre eles, estava Müller, um azougue que atormenta as defesas até hoje. É ele que fala:

“Joguei pela primeira vez no time titular em 1984. Lançado no final do campeonato paulista, fui vaiado insistentemente. E aí é que aparece a importância exata do São Paulo em minha vida. Se fosse no Palmeiras ou no Corinthians, talvez tivesse me queimado. Mas no São Paulo... tudo

MÜLLER

“Ganhamos o Brasileiro em 86 e pela primeira vez senti que podíamos ir mais longe. Com tantos craques, ser até campeões do mundo”

Luis Antônio Corrêa da Costa, 26 anos (31/1/1966), é craque tricolor desde 1985 e campeão mundial interclubes

estava lá para me dar tranquilidade.

A começar pelo técnico Cilinho, que me colocou na equipe novamente no início do Campeonato Brasileiro de 1985. O time ainda batia cabeça. Éramos imaturos e faltava um pouco de conjunto. Mas, com o belo futebol que praticávamos, a confiança foi chegando. No campeonato paulista seguinte, não deu outra: fomos campeões.

Um ano depois, éramos quase imbatíveis. Cilinho deixou o clube no Paulistão, mas Pepe assumiu e, com a maturidade adquirida por dois anos de profissionais, fomos campeões brasileiros. Pela primeira vez senti que o São Paulo podia ir mais longe. Com tantos craques, quem sabe, podia até ser campeão do mundo.

Afinal, tudo era milimetricamente detalhado e trabalhado sem pressa, passo a passo. Disputamos a Taça Libertadores em 1987, mas começamos mal e acabamos perdendo a classificação para o Colo-Colo do Chile. Não nos abatemos, porém. Afinal, o time era muito bom. Assim, em 1987, fomos campeões paulistas,



DANIEL AUGUSTO JUNIOR



NELSON COELHO

novamente sob o comando de Cilinho (Pepe saiu no meio do Paulistão).

No tricolor as coisas continuavam, invariavelmente, funcionando bem. Ninguém tinha pressa nos resultados. Cada coisa deveria vir a seu tempo. Por isso, mesmo depois de me transferir para o Torino, sentia que grandes conquistas estavam por vir. Principalmente quando cheguei à Itália e percebi que o São Paulo, estruturalmente, nada ficava a dever aos clubes italianos. Muito pelo contrário.”

1990

O TRICOLOR É ETERNO E SEM FRONTEIRAS

Os Menudos passaram, mas as glórias não. Mudaram os craques e as conquistas continuaram em uma época que, apesar de ainda não ter terminado, já está registrada na história: a Era Raí. E é o capitão do time campeão do mundo quem testemunha:

“O fracasso do primeiro Projeto Tóquio ainda estava no ar quando cheguei ao Morumbi, em 1987. Ninguém duvidava que o São Paulo possuía uma das melhores equipes do mundo quando foi derrotado pelo Colo-Colo. Isso, por um lado, aumentava a frustração, mas, por outro, produzia um novo alento.

Principalmente porque percebíamos que, mesmo os períodos de transformação, como a saída dos Menudos, em 1988, eram feitos com um planejamento detalhado. Logo depois das vendas de Careca, Müller, Silas e Pita, só não chegamos à final do Paulistão por um erro do juiz Renato Marsiglia, que validou um gol em im-



NELSON COELHO

Como em 1990, quando fomos obrigados a disputar a repescagem do campeonato paulista e não nos classificamos. Foi o pior período que vivi no São Paulo.

Então, depois de uma breve passagem de Forlan nos treinando, veio Telê Santana. O time ganhou consistência novamente e os resultados voltaram a aparecer. Primeiro veio o título brasileiro, em 1991. Em seguida, o Paulistão, a Libertadores... o mundo. Tudo isso fez com que muita coisa mudasse em meu relacionamento com o São Paulo. Quando criança tinha um time de botão do Palmeiras, imagine! Hoje, tenho certeza, minha relação com o São Paulo não se restringe ao lado profissional. Quando deixar o clube, vou continuar torcendo por ele.

E tenho certeza que terei muitas alegrias. Porque, pela estrutura do clube, sua forma de trabalhar e a retaguarda que oferece a todos os seus profissionais, acho que o São Paulo manterá a hegemonia por muito tempo. Talvez não como o Santos, que dominou o mundo de forma avassaladora. Mas, com certeza, de maneira muito mais consistente e duradoura.”

RAÍ

“A hegemonia permanecerá por muito tempo. Não avassaladora como a do Santos, mas muito mais consistente e duradoura”

Raí Souza Vieira de Oliveira, 27 anos (15/5/1965), é meia do São Paulo, da Seleção e eterno ídolo tricolor

pedimento de Biro-Biro, do Corinthians.

No ano seguinte, como acontecera algumas vezes em temporadas anteriores, o goleiro Gilmar falou publicamente uma de suas frases célebres: ‘Estou sentindo espírito de campeão’. Quando ele dizia isso, era certo que o título viria. E veio. Na verdade, esse espírito era uma herança de épocas passadas, que vinham desde os Menudos. Só nos bastava dar seqüência ao trabalho, o que procurávamos fazer. Mesmo assim, passamos por momentos difíceis.

RICARDO CORRÊA



A CONQUISTA DO MUNDO EM 550 DIAS

O São Paulo teve que esperar mais de um ano e meio para realizar seu sonho. Entre a decisão contra o Bragantino que lhe deu o título brasileiro — passaporte para a Libertadores, em junho de 1991 — e a apoteose contra o Barcelona, em dezembro de 92, muita coisa aconteceu. Só os títulos não pararam de chegar ao Morumbi, como provam o Paulistão de 91 e a Taça Libertadores, chave para a final de Tóquio. Acompanhe o passo-a-passo dessa aventura, que consagrou o tricolor como o maior esquadrão do planeta

DANIEL AUGUSTO JÚNIOR



O gol de Macedo (acima)...

Bernardo cabeceia no travessão. Müller não alcança o rebote, e tudo parece perdido. Mas lá estava o pé salvador de Mário Tilico para fazer 1 x 0. Era o primeiro jogo da final do Campeonato Brasileiro de 1991, contra o Bragantino. Com aquele resultado, bastou o empate em Bragança (0 x 0)



...contra o Braga, em 91, abriu caminho para Ronaldo e Cafu (abaixo)...

...levantarem muitas outras taças

para o caneco voltar ao Morumbi. Mas o futuro mostraria que o gol de Tilico significou mais, muito mais que aquele título nacional.

A VOLTA DO SONHO

A partir dali, começou a se aventar pelos corredores do Morumbi a possibilidade de desengavetar um antigo sonho são-paulino — o Projeto Tóquio.

Classificado para a Taça Libertadores de 1992, o São Paulo reconquistava o direito de sonhar com o título sul-americano e, quem sabe, estar no Japão, enfrentando o campeão europeu pelo mundial interclubes. Um desejo acalentado pela última vez em 1987, a partir do time de Pita, Careca & Cia., campeão brasileiro de 1986.



NELSON COELHO

Quem sabe não seria agora a vez do tricolor? O São Paulo atravessou o segundo semestre de 91 contando os dias que o separavam do grande desafio. Período em que também não faltaram motivos para desanimar. Telê, considerado peça-chave para o sucesso do Projeto, várias vezes ameaçou abandonar o futebol. Acabou ficando, mas



SÍLVIO PORTO

NÉLSON COELHO

Desacreditado no início, Ronaldo firmou-se na quarta-zaga: mais uma mágica de Telê

NÉLSON COELHO



Antônio Carlos foi embora, depois da Libertadores...



RICARDO CORRÊA

...seguindo os passos de Ricardo Rocha: desfalques



Virada no Paulistão: no Grupo B...

craques que a torcida não admitia perder, como Leonardo e Ricardo Rocha, estavam de malas prontas para jogar na Espanha. Repetia-se, para desespero da torcida, o fenômeno de 1987, quando Careca foi para o Napoli e desfalcou o time na Libertadores.

AGENDA CHEIA EM 92

Chamado de time da Segunda Divisão pelos rivais, o

tricolor entrou na disputa do Módulo Amarelo, o grupo menos nobre do Paulistão de 91. O que logo se transformou em vantagem: longe do burburinho que agitava os clubes do Grupo A, Telê foi armando o time a sua imagem e semelhança: uma equipe preocupada em marcar gols e dar espetáculo. Efetivou Ronaldo na quarta-zaga, posição em

que o jogador depois chegaria à Seleção. Mas só se falava de Corinthians, de Palmeiras, enquanto o São Paulo somava pontos contra equipes inferiores. Nas finais, quando os papões acordaram, o harmonioso São Paulo eliminou Palmeiras, Corinthians e faturou outro Paulistão. As dúvidas só voltariam em 1992, ano de agenda cheia. Seria melhor dar

prioridade à Taça Libertadores ou ao Campeonato Brasileiro? Na dúvida, Telê manda um time misto para Criciúma (derrota de 3 x 0) e, menos de 48 horas depois, é goleado por 4 x 0 pelo Palmeiras.

A META É O MUNDO

Ficou a lição: agora, o mundo era a meta. O preparador físico Moraci Sant'anna elabora então um



...paz para se preparar; nas finais, massacre no Corinthians

plano de condicionamento dos atletas, preocupado com a altitude da Bolívia, terra de San José e Bolívar, os outros adversários. Resultado: três pontos fora, mais cinco em casa e o segundo lugar do grupo. O suficiente para escapar de um adversário peruano na fase seguinte — afinal, em tempos de cólera, enfrentar o Nacional de

Montevideu é muito mais saudável. Na arrancada para o título, ficam no meio do caminho não só o próprio Nacional, como novamente o Criciúma e o Barcelona do Equador. Palhinha já é uma realidade como artilheiro do time e da Libertadores. Mas somente quando soa o apito final de um jogo em Guaiquil, em que o tricolor podia perder do



Fechando 91 com chave de ouro. E de olho no mundo

DANIEL AUGUSTO JÚNIOR



NÉLSON COELHO

O Criciúma brigou muito, mas também caiu: Macedo, arma secreta de Telê, marcou o seu nas quartas-de-final



RICARDO CORRÊA

Palhinha barra o Barça em casa. No Equador, um susto



RICARDO CORRÊA

Müller: herói tricolor em todas as conquistas

Barcelona por dois gols de diferença e foi derrotado por 2 x 0, é que o sonho pareceu estar mais perto.

GLÓRIA NOS PENALIS

No primeiro jogo da final, contra os argentinos do Newell's, um pênalti, daqueles que só são marcados em favor do dono da casa, obrigou o time a ir para o tudo-ou-nada no

Morumbi. Se ganhasse por uma diferença de dois ou mais gols, o São Paulo levava. Com menos que isso, só se fosse nos pênaltis. O sofrido tempo normal teve um final feliz. Macedo entrou para decidir, invadindo a área argentina até sofrer um pênalti salvador. Raí cobrou com perfeição e levou a decisão para as



Só faltava o Newell's no caminho...

penalidades. Aí o Morumbi viu de novo, um ano depois, um lance tão importante quanto o gol de Tilico que abriu as portas da Libertadores: a defesa de Zetti, segurando firme o pênalti decisivo de Gamboa.

ADEUS, BARCELONA

Era a última pedra no caminho do duelo com o Barcelona. E mesmo antes do compromisso



A torcida jogou junto e, no fim, festejou no campo

...de Tóquio, mas Macedo desequilibrou

marcado em Tóquio, para dezembro, os dois se encontraram na disputa do Troféu Tereza Herrera. Já sem Antônio Carlos, vendido ao Albacete, da Espanha, o tricolor mostrou que não tem medo de desfalque: sapecou 4 x 1 no Barça. Uma pequena amostra do que estaria reservado para o Dia D, em Tóquio, onde o São Paulo conquistaria definitivamente o mundo.

GLADSTONE CAMPOS

OS HERÓIS

COM O TRICOLOR NÃO HÁ QUEM POSSA

Foi um show de bola atrás do outro, e o São Paulo chegou ao sonhado título mundial. Aqui estão todos os homens do campeão



FOTOS NELSON COELHO

ZETTI

Armelino Donizetti Quagliato, goleiro, 27 anos (10/1/1965), 1,87 m, 87 kg, paulista de Capivari



MARCOS

Marcos Antônio Alvin, goleiro, 22 anos (27/4/1970), 1,88m, 79 kg, paulista de Jundiaí

CLASSE E EXPERIÊNCIA PARA GANHAR O MUNDO

Quando trouxe o futebol do mineiro Antônio Carlos Cerezo, de 37 anos (21/4/1955), o São Paulo deu a seu time campeão da América o toque de experiência que faltava. Ídolo do Atlético Mineiro por quase dez anos, convocado para a Seleção Brasileira nas Copas de 1978, na Argentina, e 1982, na Espanha, e campeão italiano pela Sampdoria, em 1991, ele voltava ao Brasil por interferência direta do técnico Telê Santana, também seu treinador na Copa do Mundo de 1982. Juntos, eles, que amargaram os 3 x 2 para a Itália naquela tarde de Sarriá, tiveram que esperar dez anos para sentir o sabor de um título mundial. Mas valeu: Cerezo mostrou uma vitalidade de garoto, encarando com disposição a maratona de jogos que o tricolor teve que disputar. No São Paulo, repetiu a fórmula do Grêmio de Paulo César Caju e Mário Sérgio em 83: ganhar o mundo pela experiência de geniais veteranos.



RICARDO CORRÊA



O CRAQUE QUE FICOU PARA SER FELIZ

Ele quase se deixou seduzir pelos dólares do Albacete, clube espanhol que, logo depois da conquista da Taça Libertadores, tirou o zagueiro Antônio Carlos do São Paulo. Mas, no fundo, algo dizia para Rai de Souza Vieira de Oliveira, paulista de Ribeirão Preto, 27 anos (15/5/65), que ele deveria ficar. Uma sábia decisão para quem, desde que chegou

ao São Paulo, em 1987, vem mostrando um futebol a cada ano melhor. Com a conquista de Tóquio, soma agora, pelo São Paulo, nada menos que dois campeonatos paulistas (1989 e 1991), um campeonato brasileiro (1991), uma Taça Libertadores e um mundial. Ou seja, tudo o que um jogador pode ganhar em um mesmo clube. Seu destino é ser mesmo campeão.



FOTOS NELSON COELHO

ROGÉRIO

Rogério Ceni, goleiro, 19 anos (22/1/73), 1,82 m, 80 kg, paranaense de Pato Branco



CAFU

Marcos Evangelista de Moraes, lateral-direito, 22 anos (19/6/1970), 1,72 m, 74 kg, paulistano



VÍTOR

Claudemir Vitor, lateral-direito, 20 anos (28/9/1972), 1,78 m, 72 kg, paulista de Mogi-Guaçu



ADILSON

Adilson José Pinto, zagueiro, 27 anos (24/1/1965), 1,81 m, 75 kg, paulista de Cruzeiro

RICARDO CORRÊA



RONALDO
Ronaldo Rodrigues de Jesus, zagueiro, 27 anos (19/6/1965), 1,87 m, 89 kg, paulistano



LULA
Luís Bonfim, zagueiro, 26 anos (15/6/66), 1,88 m, 87 kg, sergipano de Iporanga d'Ajuda



VÁLBER
Válber Roel de Oliveira, lateral-esquerdo, 25 anos (31/5/1967), 1,76 m, 76 kg, carioca

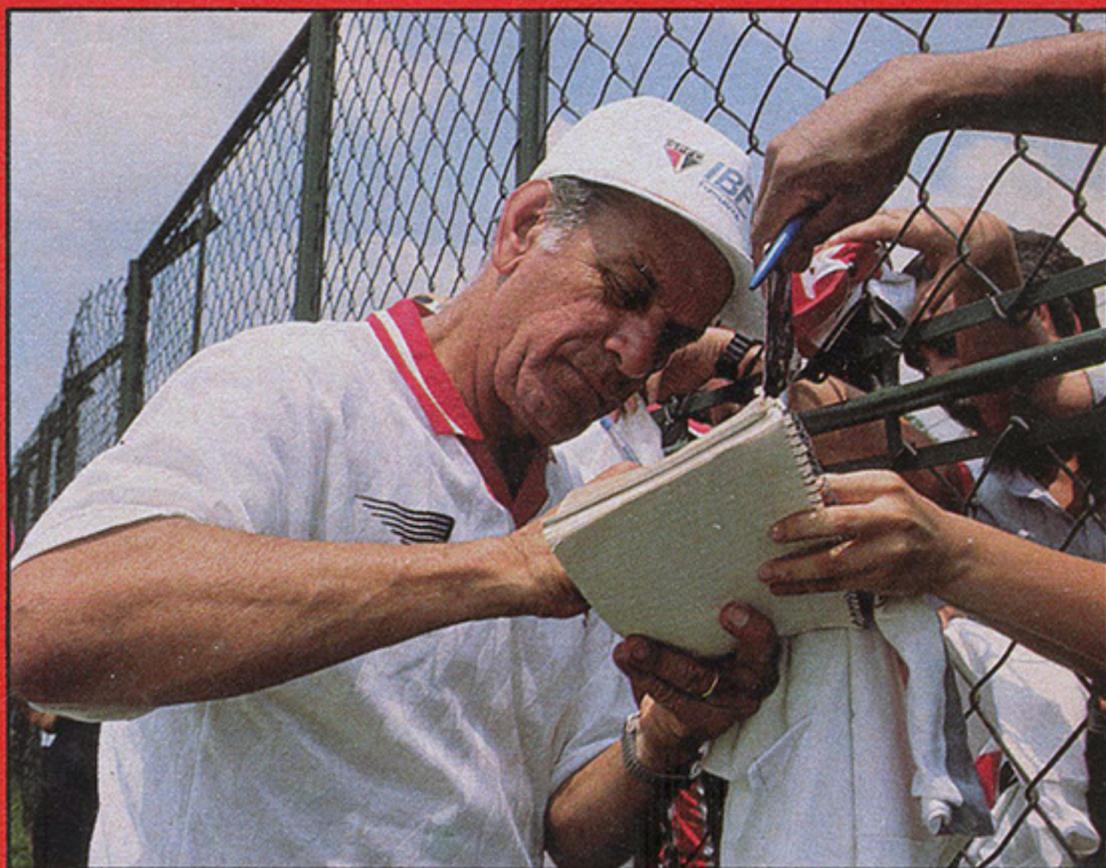


MARCOS ADRIANO
Marcos Adriano Barros, lateral-esquerdo, 23 anos (30/7/69), 1,78 m, 74 kg, alagoano de Palmeira dos Índios

UM ÍDOLO NO BANCO DE RESERVAS
"Olê, olê, olê, olê/Telê, Telê..." A cada vez que se dirige ao banco de onde comanda o São Paulo rumo a suas mais importantes conquistas, o técnico Telê Santana da Silva, 61 anos (26/7/31), mineiro de Itabirito, recebe uma saudação digna de seus melhores

tempos de ponta do Fluminense, nos anos 50. É o reconhecimento da torcida tricolor a quem, mesmo derrotado em sua primeira decisão no clube, na final do Brasileiro de 90, contra o Corinthians, decidiu ficar para enterrar de vez a fama de pé-frio. De lá para cá, ganhou tudo. Inclusive o inédito mundial.

FOTOS NELSON COELHO



SÍMBOLO DOS ANOS DOURADOS

Aos 26 anos (31/1/66), Luís Antônio Correa da Costa, o Müller, um sul-mato-grossense de Campo Grande, viveu desde o início a melhor fase da história do São Paulo. Já em 1985 vestia a camisa 7 do time dos Menudos do técnico Cilinho, que, à base de sua técnica e juventude, seria campeão paulista. No ano seguinte, o tricolor seria campeão brasileiro, e, em 1987, campeão paulista. Em todas essas oportunidades, Müller estava lá. Ausente por três temporadas — período em que o São Paulo levantou o Paulista de 1989 —, voltou do Torino, da Itália, para faturar o Brasileiro de 91. Quando saiu vaiado, na final da Libertadores de 1992, poucos acreditavam que daria a volta por cima. Mas reencontrou seu futebol. Digno de um campeão mundial.



RICARDO CORRÊA



RONALDO LUÍS
Ronaldo Luís Gonçalves,
lateral-esquerdo,
26 anos
(14/8/1966), 1,77
m, 67 kg, mineiro
de Belo Horizonte



PINTADO
Luís Carlos de Oliveira,
volante, 27 anos
(17/9/1965),
1,79 m, 75 kg,
paulista de
Bragança Paulista



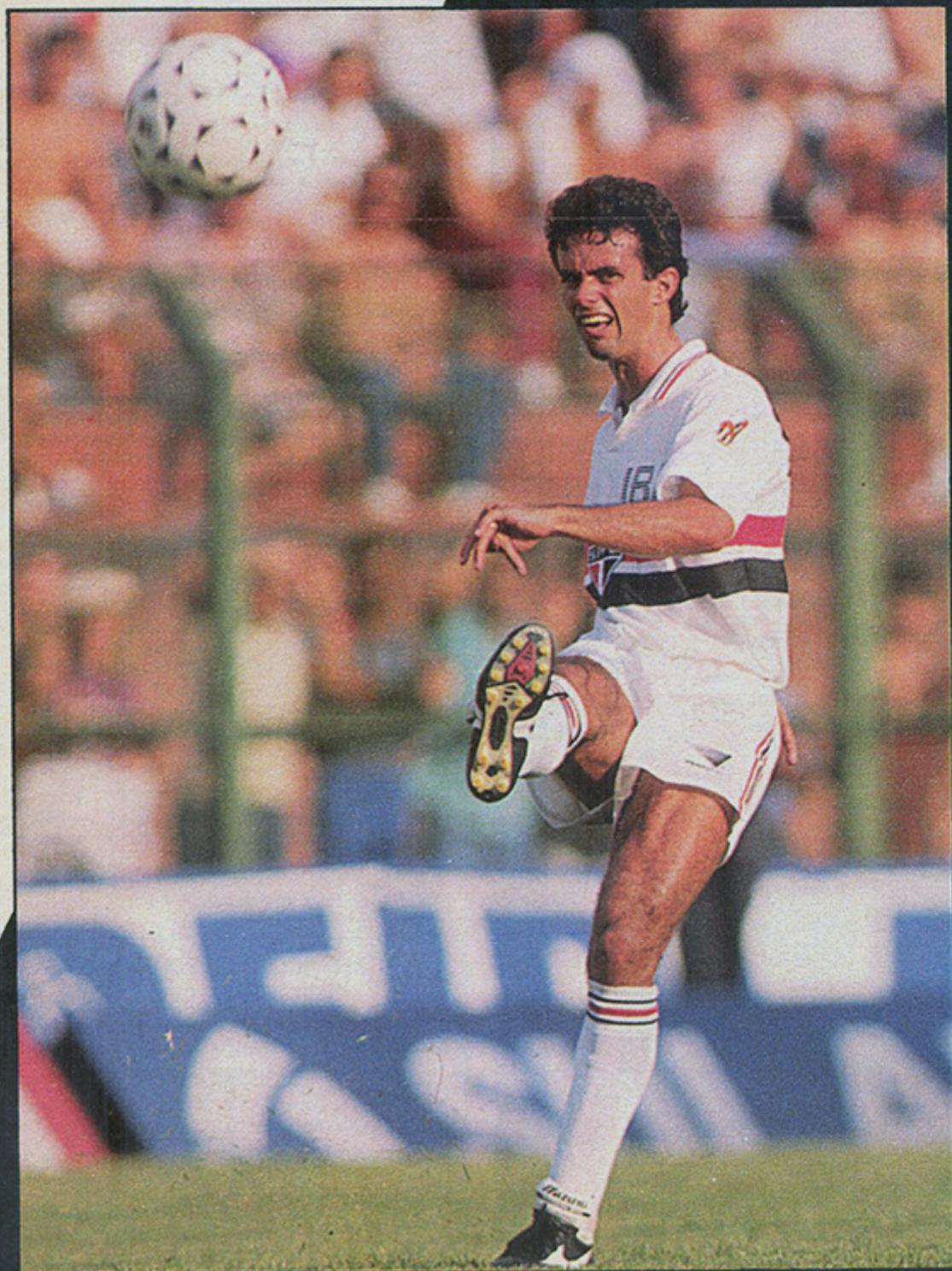
DINHO
Edi Wilson José
Santos, volante,
26 anos (15/10/
1966), 1,77 m,
71 kg, sergipano
de Neópolis



SUÉLIO
José Suélio da
Silva Lacerda, meia,
25 anos (1º/12/1967),
1,76 m, 72 kg,
paraibano de
Campina Grande



CATÊ
Marcos Antônio
Lemes Tozze,
atacante, 19 anos
(7/11/1973),
1,70 m, 67 kg,
gaúcho de Cruz Alta



FOTOS NELSON COELHO



MACEDO
Natanael Santos
Macedo, atacante,
23 anos (16/12/
1969), 1,78 m,
68 kg, paulista
de Americana



ELIVÉLTON
Elivélton Alves
Rufino, atacante,
21 anos (31/7/1971),
1,70 m, 67 kg,
mineiro de
Serrânia



MAURÍCIO
Maurício Cardoso
da Silva, atacante,
21 anos (25/8/
1971), 1,70 m,
58 kg, paulista
de Limeira



GILMAR
Gilmar Jorge dos
Santos, zagueiro,
21 anos
(23/4/1971),
1,82 m, 79 kg,
paulistano



CUCA
Flávio Monteiro
Santos,
atacante, 22
anos (12/9/1970),
1,80 m, 77 kg,
paulistano



CARLOS ALBERTO
Carlos Alberto
Batista, meia,
18 anos (28/7/74),
76 kg, 1,81 m,
sul-mato-grossense
de Campo Grande

O MELHOR PRESENTE DO UNIVERSO

Não poderia haver melhor presente para Jorge Ferreira da Silva, o Palhinha, um mineiro de Carangola nascido em 14 de dezembro de 1967. Na madrugada que antecedeu seu vigésimo-quinto aniversário, ele chegou à conquista que mais queria desde

que veio para o tricolor, no início do ano, emprestado pelo América de Minas: o campeonato mundial de clubes. E muitos dos gols que levaram o São Paulo à inédita conquista a torcida deve a ele, que foi artilheiro da Libertadores, com sete gols, garantindo a presença na final com o Barça.

AS GLÓRIAS QUE CONTAM MEIO SÉCULO DE HISTÓRIA

1935

1992

1992

- Campeão mundial Interclubes
- Campeão da Taça Libertadores
- Campeão do Troféu Ramón de Carranza
- Campeão do Troféu Tereza Herrera

1991

- Campeão brasileiro
- Campeão paulista

1990

- Vice-campeão brasileiro
- Campeão do Torneio Quadrangular de León (México)

1989

- Campeão paulista
- Vice-campeão brasileiro
- Campeão do Torneio Quadrangular de Guadalajara (México)

1987

- Campeão paulista

1986

- Campeão brasileiro

1985

- Campeão paulista

1982

- Campeão do Torneio de Verão (EUA)

1981

- Bicampeão paulista
- Vice-campeão brasileiro

1980

- Campeão paulista

1977

- Campeão brasileiro

1976

- Campeão da II Copa São Paulo

- Campeão do Torneio Nunes Freire (Maranhão)

1975

- Campeão paulista

1974

- Vice-campeão da Taça Libertadores

1973

- Vice-campeão brasileiro

1971

- Bicampeão paulista
- Vice-campeão brasileiro

1970

- Campeão paulista

1969

- Campeão do Torneio de Huelva (Colômbia)

1965

- Vice-campeão do Torneio Rio-São Paulo

1964

- Campeão do Torneio de Firenze (Itália)

1963

- Campeão da Pequena Taça do Mundo (Venezuela)

1962

- Vice-campeão do Torneio Rio-São Paulo

1960

- Campeão do Pentagonal de Guadalajara (México)

1957

- Campeão paulista

1955

- Campeão do Torneio Jarrito (México)

- Campeão da Pequena Taça do Mundo (Venezuela)

1953

- Campeão paulista

1949

- Bicampeão paulista

1948

- Campeão paulista

1946

- Bicampeão paulista

1945

- Campeão paulista

1943

- Campeão paulista



DANIEL AUGUSTO JÚNIOR

Em 92, alegria eterna: primeiro a Libertadores (com Rai). Depois o mundo

Editora Abril

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO

Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausingo Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573-900, Caixa Postal 14110 - Freguesia do Ó, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: EditAbril/Abrilpress. Administração: r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515-010, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcionários, CEP 30130-141, tels.: (031) 261-6799/7070, Telex (031) 1085, FAX: (031) 261-7114

Blumenau: r. 7 de Setembro, 1574, 5.º andar, CEP 89010-202, tel.: (0473) 26-1415, Telex (0473) 47-1071, FAX: (0473) 26-0902

Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710-500, tel.: (061) 315-7575, Telex (061) 1464-1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas: Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131.133, Centro, CEP 13010-210, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 193311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79052-170, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78058-330, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88010-100, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 24-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150-161, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel.: (062) 241-3756

Natal: r. Dr. Múcio Galvão, 435, Lagoa Seca, CEP 59020-550, TELEFAX: (084) 223-2303

Porto Alegre: r. Antenor Lemos, 57, 8.º andar, Sala 802, Bairro Menino Deus, CEP 90850-100, tel.: (051) 229-5899, Telex (051) 1092, FAX: (051) 229-4857, Telegramas: Abrilpress

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, TELEFAX: (016) 634-9376

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: EditAbril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 6.º andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41820-021, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, FAX: (0123) 21-5046

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010-004, TELEFAX: (027) 223-4688

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165-3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral

VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME

Economia e Negócios

EXAME

Automobilismo e Turismo

QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes

PLACAR

Masculinas

PLAYBOY

Femininas

CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICO • MAXIMA

Decoração e Arquitetura

CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

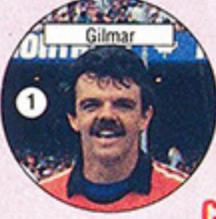
Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correo: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 05583-000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo, Serviço ao Assinante: (011) 823-9222

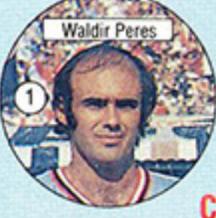
ANER **IVZ**

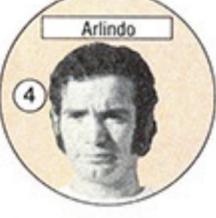
IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

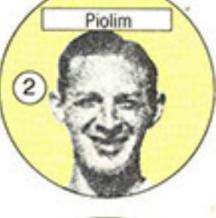
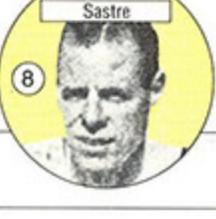
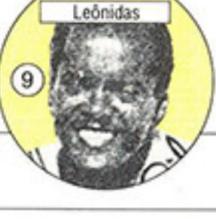
SUPERESQUADRÕES DO SÃO PAULO PARA SEUS BOTÕES

 2	 3	 4	 5	 6	 1  CAMPEÃO MUNDIAL DE 1992
 7	 8	 9	 10	 11	

 2	 3	 4	 5	 6	 1  CAMPEÃO BRASILEIRO DE 1986
 7	 8	 9	 10	 11	

 2	 3	 4	 5	 6	 1  CAMPEÃO BRASILEIRO DE 1977
 7	 8	 9	 10	 11	

 2	 3	 4	 5	 6	 1  BICAMPEÃO PAULISTA DE 1970/71
 7	 8	 9	 10	 11	

 2	 3	 4	 5	 6	 1  BICAMPEÃO PAULISTA DE 1945/46
 7	 8	 9	 10	 11	

Saturnia 12. A única selada que não vai morrer de sede.



Neste país tropical, Saturnia Double Life é a única bateria selada que depois de 12 meses oferece uma vida de vantagem. Você poderá verificar o nível de água e completá-lo se for necessário. Só ela pode oferecer isso. A Saturnia 12 não pede água, e garante isso por 12 meses. A outra, quando pedir água, vai morrer de sede.

Saturnia Double Life. 12 meses de garantia.



REVISTA PLACAR

DEZEMBRO DE 1992

DIGITALIZAÇÃO: KÁTIA IBANHEZ
TRATAMENTO E MONTAGEM: MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2022



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ